

DOCUMENTAÇÃO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte gum (governante & saúde)

Data 12/5/2002 Pg 04

Class. 25

EFEITO ESTUFA

Secretário americano critica base científica do Protocolo

Poucos se beneficiam com posição americana, dizem empresários

Carla Éboli
de São Paulo

“Achamos que as metas do Protocolo de Quioto não são baseadas em boa ciência e questionamos seus impactos no longo prazo no que diz respeito às mudanças climáticas”. As críticas são do subsecretário de Estado Norte Americano, Seção de Oceanos, Assuntos Ambientais e Científicos Internacionais, John Turner, que esteve no Brasil para reunião preparatória à Conferência Mundial das Nações Unidas. O evento acontecerá em Johannesburgo, África do Sul, em agosto.

Turner afirmou que respeita a posição do Brasil de ratificar o Protocolo e, segundo ele, o governo americano também está comprometido em reduzir a emissão de gases de efeito estufa. “Estamos investindo US\$ 700 milhões em pesquisas. Temos uma estratégia baseada em boa ciência”, afirmou durante evento na Câmara de Comércio Americana (Amcham), em São Paulo.

O governo americano também não se livrou de críticas. “Qualquer posição unilateral num mundo globalizado não é adequada nem inteligente”, diz o presidente executivo do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Fernando Almeida. “A posição do governo americano, apesar de o presidente ter sido eleito democraticamente, não re-

flete a opinião do povo nem dos empresários”, afirma. A proposta do Conselho, apresentada ontem durante o seminário “Pela viabilidade do Desenvolvimento Sustentável” na Amcham, é que os acordos de troca de tecnologia de produção mais limpa sejam discutidos com os empresários estrangeiros. “Uma questão é o Protocolo e outra é a realidade que não pode ser desconsiderada. O setor empresarial que é beneficiado com a não ratificação do Protocolo é muito pequena”, diz Fernando Almeida.

Fato é que a saída dos EUA do Protocolo enfraquece a implantação do mecanismo de desenvolvimento limpo, na opinião do diretor acionista da empresa Plantar, Geraldo Alves de Moura. “Isso gera um clima de insegurança nos empresários”. A Plantar, que produz ferro gusa, aboliu recentemente o uso do coque siderúrgico (combustível fóssil) e passou a utilizar o carvão vegetal.

Mas Brasil e EUA têm vários interesses em comum. A agenda inclui a erradicação da pobreza, padrões de consumo, uso de recursos não renováveis, saúde e, principalmente, energia. Segundo o diretor geral do Departamento de Meio Ambiente e Temas Especiais do Itamaraty, ministro Everton Vieira Vargas — que também participou do seminário — o Brasil vai des-

taçar em seu discurso a necessidade do estímulo ao uso da energia renovável. Turner, por sua vez, afirma que os EUA estão oferecendo incentivos fiscais para as indústrias converterem seus sistemas de produção para o uso de combustível renovável.

Vargas diz ainda que o Brasil reconhece o Protocolo como “instrumento adequado” para limitar a emissão dos gases de efeito estufa. “Temos interesse que ele entre em vigor o mais rápido possível”. O ministro lembra que a ratificação por parte do Japão e do Canadá não estão descartadas. “No Canadá existe um desentendimento entre os governos do estado e das províncias. Agora, no Japão, o Brasil foi um importante interlocutor para acomodá-lo no Protocolo. Esperamos que este esforço seja remunerado com a ratificação”.

Outro assunto que interessa a ambos é o combate à venda ilegal de madeiras nobres. Em sua passagem por Manaus, na última segunda-feira, Turner declarou que o presidente George Bush ofereceu ajuda aos países que querem acabar com a exportação ilegal destes produtos. Atualmente existem nos EUA carregamentos de mogno retidos sob suspeita de extração ilegal da Floresta Amazônica. “O meu país segue a linha do presidente Fernando Henrique, que é combater este tipo de procedimento”, declarou Turner.